

COMÉRCIO EXTERNO DA GUINÉ-BISSAU

Por: **Ussumane Seidi** *

useidi@hotmail.com



24.03.2008

INTRODUÇÃO

Este pequeno estudo é baseado em factos e não em meras opiniões com o objectivo de analisar a evolução das exportações da Guiné-Bissau. Ele é composto por duas partes fundamentais: a primeira parte centra-se na abordagem económica das exportações e a segunda é de natureza financeira.

O estudo centra-se nos principais bens de exportação em diferentes momentos da sua evolução económica nomeadamente as exportações da mancarra (amendoim) e da castanha de caju.

Em matéria de dados estatísticos, há um grande deficit. Na busca de dados desta natureza, estive na sede da Comissão Nacional de Castanha de Caju em Bissau (Junho 2006) mas a desconfiança por parte do responsável da estatística, quanto ao meu interesse no assunto, deve ter pesado mais na sua atitude, não surtindo efeito nenhum, ao contrário daquilo que é hoje uma prática universal de qualquer organização em matéria de difusão de informação e transparência. Esta é a percepção e avaliação que faço da forma como fui recebido depois de tanto vai e vem a esta instituição pública.

Por último, este estudo propõe uma alternativa muito simplificada de monitorização e determinação do preço da castanha de caju, fixando certas

variáveis que poderiam ser relevantes na determinação do preço. Infelizmente e pelas razões acima referidas, tal não me foi possível. Assim o estudo é baseado na análise dos efeitos da taxa de câmbio e preço de exportação.

Cabe referir também, que as exportações da Guiné são exportações de monocultura ligada à indústria estrangeira. Portanto, o país é exportador de matéria-prima bruta do sector agrícola, com um modo de produção do sistema colonial e rudimentar. Esta economia é muito vulnerável face à procura internacional do seu bem de exportação, bastando as indústrias transformadoras deixarem de absorver a matéria-prima para que entre em colapso. Não é uma economia com produção diversificada para exportações apesar de óptimas condições geográficas para tal.

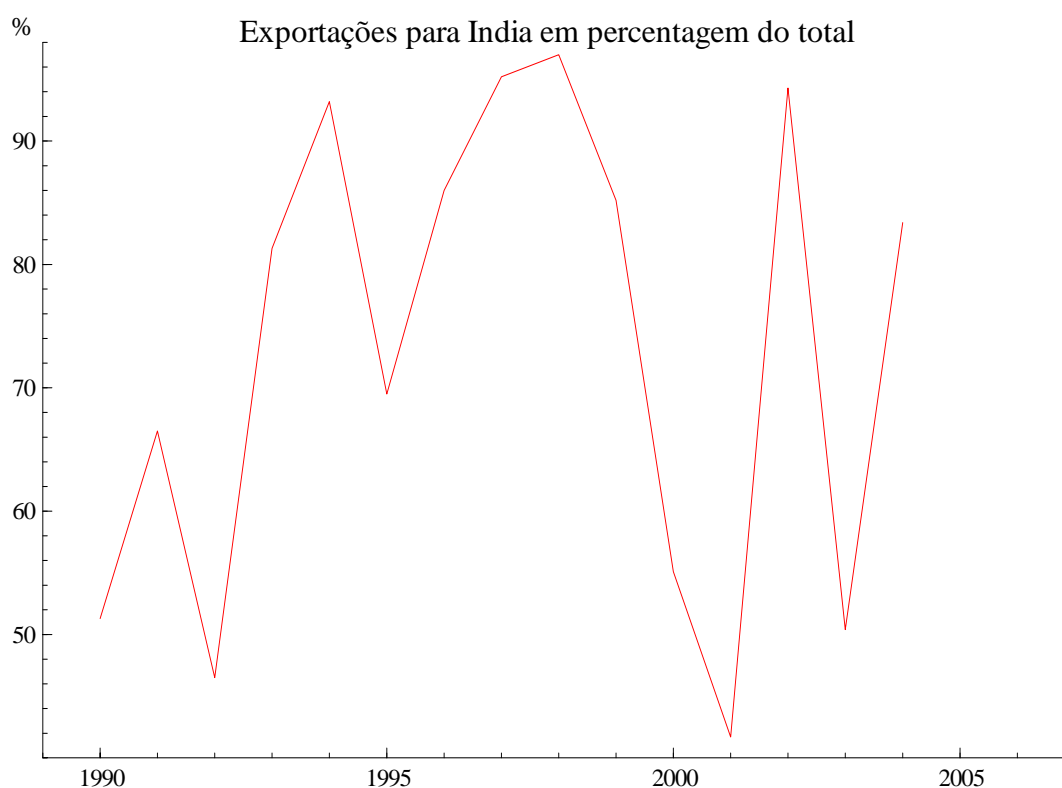
Os dados para este trabalho, apesar das dificuldades já mencionadas, foram colectados nas bases de dados do Banco Mundial, FAO^[1] e Banco de Portugal.

Por fim é de referir que toda a análise econométrica que sustenta este pequeno estudo é baseada na obra de JEFFREY M. WOOLDIDGE “Introdução à Econometria – Uma abordagem moderna”, 3ª Edição: Editora Thomson.

Ussumane Seidi

EXPORTAÇÕES DE MANCARRA

Gráfico 1



De 1976 em diante as exportações de mancarra entraram em declínio irreversível e no princípio dos anos noventa deixaram de ter significância económica para o país. Entre 1977 e 1995, em média 611,342 toneladas métricas anualmente não eram exportadas. É precisamente aqui que se levantam questões quanto ao que estaria na origem desta queda, quando a maioria dos agricultores eram especializados na produção deste bem de exportação:

- Seria o preço internacional da mancarra?
- A taxa de câmbio/ moeda super valorizada?
- Quais as consequências a nível do tecido produtivo dos agricultores?
- (...)

Uma única resposta poderia responder a qualquer pergunta que quiséssemos formular.

Essa resposta tem a ver com a procura dum bem, quer a nível interno quer internacional.

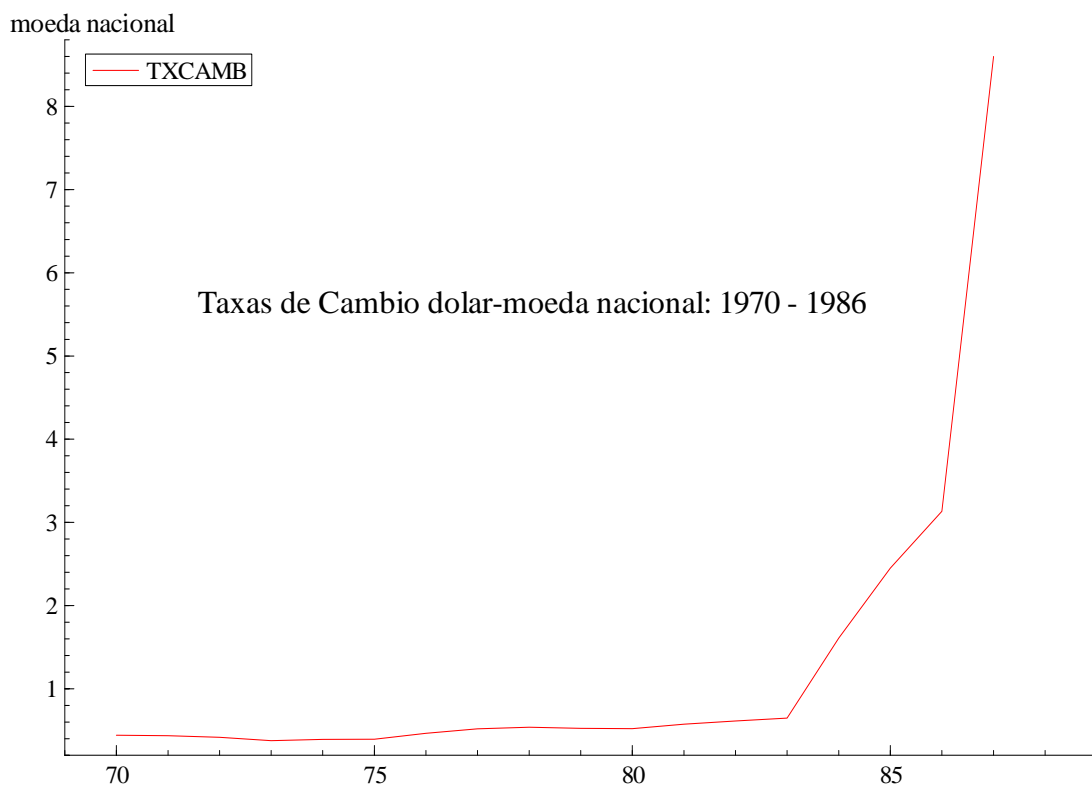
Antes da independência havia uma procura interna, na óptica do produtor, muito embora o seu destino final fosse para as indústrias transformadoras externas, através das grandes companhias então existentes, ligadas à metrópole.

A procura dum bem, incita a sua produção, sejam quais forem os factores que motivem essa procura, tais como o preço, a qualidade etc.

Assim a procura da mancarra foi diminuindo com o tempo e conseqüentemente verificou-se a gradual diminuição da sua produção por duas razões principais:

1. Uma política cambial desastrosa, baseada na moeda altamente valorizada penalizadora das exportações, senão veja:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 2: Fonte – Banco Mundial e cálculos do autor



Para ser-se mais preciso nesta observação basta verificar o valor de um dólar americano nos sucessivos anos após a independência:

Fonte – Banco Mundial e cálculos do Autor

Ano	Pesos Guineense
1975	0,393
1976	0,465
1977	0,518
1978	0,539
1979	0,524
1980	0,520
1981	0,574
1982	0,613
1983	0,648
1984	1,609
1985	2,450
1986	3,133

O que fica claro nisto tudo é que entre 1975 e 1983 um dólar americano não dava para comprar um peso guineense. Recordar-se que o “peso guineense” não desempenhava funções de meio de pagamento internacional e reserva nos bancos internacionais. Voltarei a este assunto (taxa de câmbio) mais detalhadamente na segunda parte deste estudo.

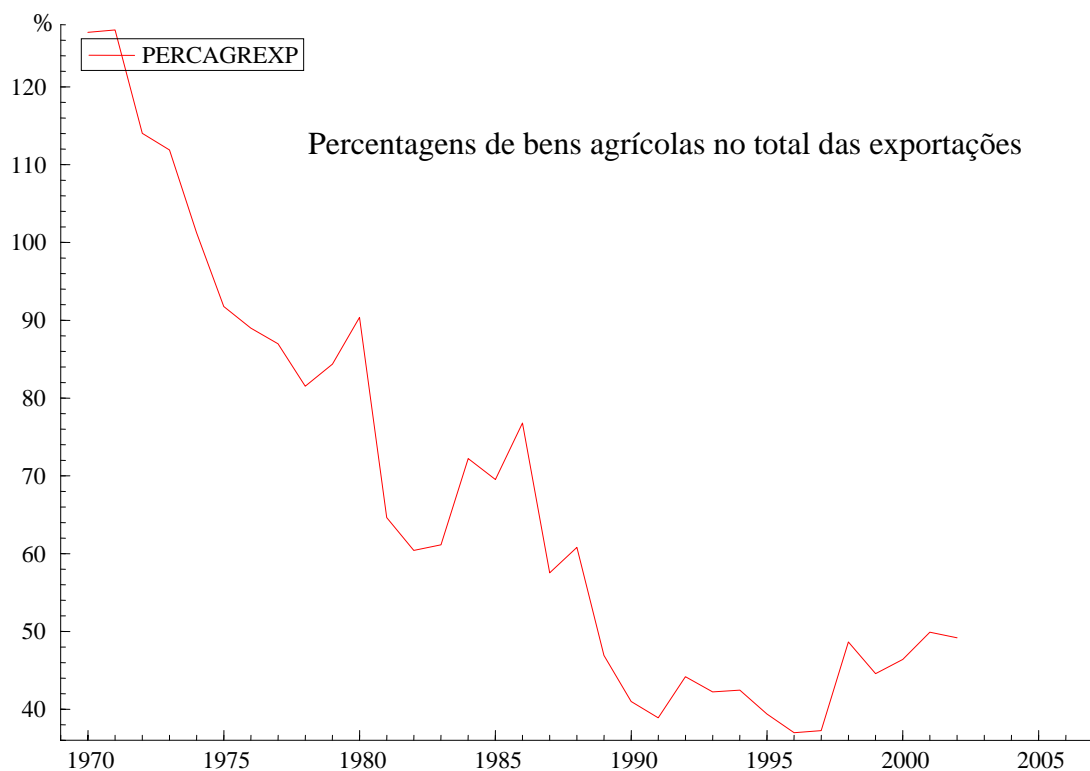
Resta saber quanto valia um quilograma de mancarra em moeda americana pois os importadores levam em consideração esta análise. A título de exemplo, ainda que um quilograma custasse um peso guineense, um dólar americano não chegaria para o comprar, conseqüentemente tornava-se mais caro comprar a mancarra da Guiné-Bissau.

Em 1986 dá-se a viragem em matéria de política cambial, período de liberalização da economia e fim do centralismo do Estado. É neste período que ocorreu a grande desvalorização da moeda nacional, mas era tarde de mais para salvar as exportações de mancarra. Quando me refiro às exportações, está subjacente também a sua produção que pode ser verificada através do peso dos

produtos do sector agrícola no conjunto do total dos bens e serviços exportados naquele período e, sem perda da linha de pensamento nas considerações iniciais, a mancarra era o bem mais produzido.

O gráfico seguinte dá-nos uma imagem daquilo que acabou de ser dito no parágrafo anterior.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 3: Fonte – Banco Mundial e cálculos do autor

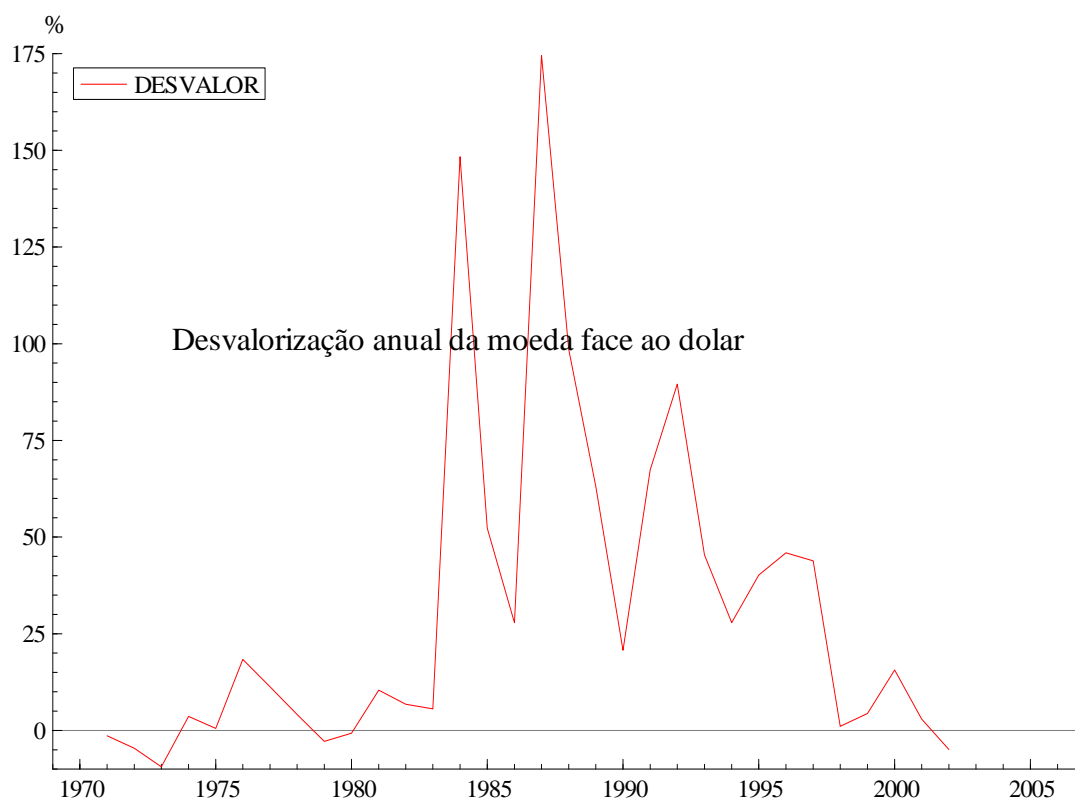


Nos primeiros anos pós independência, as exportações de bens agrícolas representavam mais de 80% do total das exportações e nos finais dos anos oitenta a sua importância era abaixo de 40%. Este retrocesso não se deve à mudança estrutural que permitiu uma mudança sectorial da produção; por exemplo, podíamos estar perante o caso de uma transição do sector primário para o sector industrial ou de serviço, mas não é isso que está na origem desta queda mas sim a redução da procura externa e o sector primário tem fundamental importância na economia guineense a todos níveis. Veremos mais adiante como este sector voltará a assumir importância vital para a economia Guineense.

2. Uma política cambial competitiva tardia não surtiu efeitos positivos na penosa queda tendencial da exportação de mancarra. Porquê?

Vale a pena verificarmos antes quando ocorreram as maiores quedas da moeda nacional face ao dólar e que se traduz na desvalorização do peso guineense.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 4: Fonte – Banco Mundial e cálculos do autor



- Entre 1983 e 1984 a moeda caiu de quase 150% face ao dólar
- Entre 1986 e 1987 a queda foi de quase 175%
- As desvalorizações continuaram até à adesão à união monetária em 1997

Mesmo com estas desvalorizações anuais brutais a queda continuada da exportação de mancarra não mudou o curso da tendência, que só pode ser explicado por:

- Produtividade baixa/menos competitivo no mercado internacional
- Desligamento com o sector do processamento da antiga metrópole
- Surgimento de bens substitutos no mercado internacional na produção de óleo alimentar e derivados.
- Preços atractivos para a produção de caju
- (...)

São estas as justificações que em minha opinião parecem ser as mais plausíveis, pois mesmo quando os produtos se tornaram mais baratos com políticas de desvalorização da moeda não se estimulou a procura externa da mancarra. Lembra-se também que o mesmo aconteceu com exportadores de cacau.

Uma última consideração neste capítulo de produção/exportação da mancarra que poderia salvar a sua produção é o projecto **Agro-industrial de Cumeré** que nunca chegou a abrir as portas para os produtores locais, por razões que ultrapassam o âmbito deste estudo. De uma coisa não tenho dúvidas nenhuma: se o projecto tivesse pernas para andar fomentaria a continuidade da produção e eventualmente exportar-se-ia o óleo alimentar, além de se abastecer o mercado nacional. Eu próprio cheguei a ver o oleoduto na periferia de Bissau, num dos troços que ligaria Cumeré-Bissau, com a finalidade de exportar óleo alimentar.

Com o projecto de Cumeré, certamente não cairia a produção, ele garantiria a absorção desta matéria-prima, assim como minimizaria a importação de óleo alimentar que tanta falta faz à população da Guiné-Bissau e, conseqüentemente, os agricultores guineenses teriam meios de sustento garantidos.

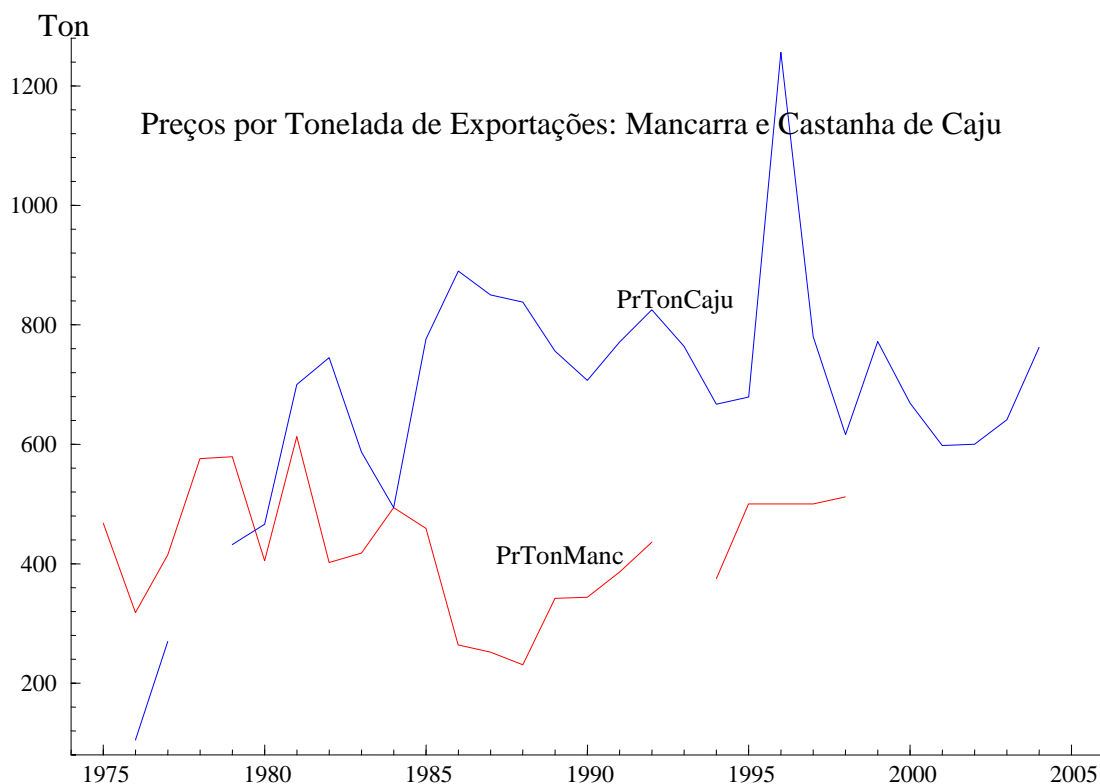
Enquanto caíam as exportações de mancarra, as despesas de importação com o óleo alimentar de soja aumentavam, pela importância do próprio bem na gastronomia Guineense. Em 1990 chegou-se ao ponto de se importar, entre outros, o óleo de mancarra no valor de 200 mil dólares, correspondente a 160 toneladas.

Importações de óleo de soja

Ano	QtdMt	ValorUSD
1975	170	170000
1976	388	540000
1977	400	540000
1978	537	128500
1979	43	641000
1980	117	303000
1981	517	303000
1982	740	575000
1983	461	499000
1984	386	409000
1985	1609	959000
1986	224	274000
1987	630	420000
1988	300	200000
1989	300	250000
1990	1300	1150000

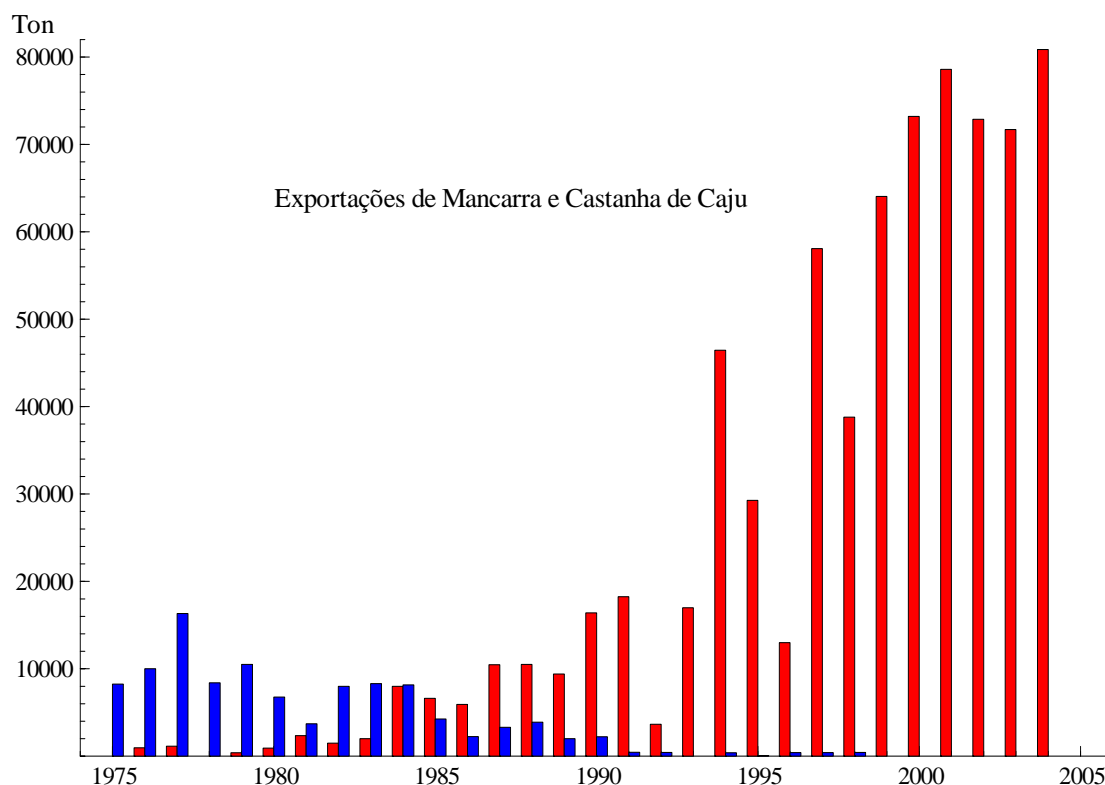
O fim da exportação da mancarra cede lugar a uma nova era de monocultura para exportação. A da castanha de caju em bruto ou vulgarmente designado “in natura”.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 5: Fonte – FAO e cálculos do autor



Daqui pode-se notar que o preço por tonelada de exportação da castanha de caju descola do preço da mancarra desde 1984. Neste ano ambos foram exportados por 494 dólares por tonelada e as quantidades exportadas de mancarra e de castanha de caju quase se equipararam, 8157 e 8004 toneladas respectivamente. O ano de 1984 marca o fim do domínio da mancara nas exportações da Guiné-Bissau, cedendo o lugar à era da castanha de caju.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 6: Fonte – FAO e cálculos do autor



EXPORTAÇÕES DE CASTANHA DE CAJU

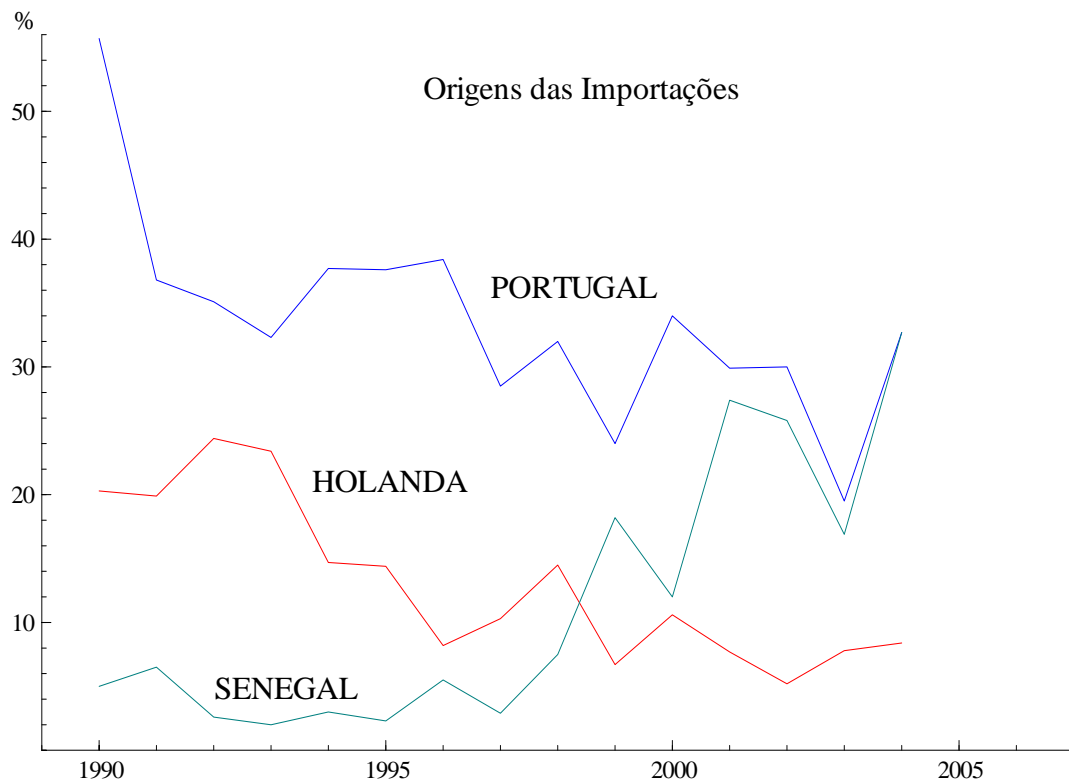
A entrada da Guiné-Bissau na União Económica e Monetária Oeste Africana (UEMOA), faz com que o país perca os instrumentos de política cambial como aquelas implementadas nos anos oitenta até à segunda metade da década de noventa.

Contrariamente ao que muitos proclamam sobre a adesão à União Monetária, ela tem benefícios e custos. O país subscreve o Critério de Convergência no que respeita ao défice orçamental, a dívida pública, inflação, entre outros.

Se é verdade que a entrada na UEMOA, implica perda de instrumentos de política cambial e monetária não é menos verdade que se ganha na imposição da disciplina monetária, garantindo uma inflação baixa, uma forma de facilitar e

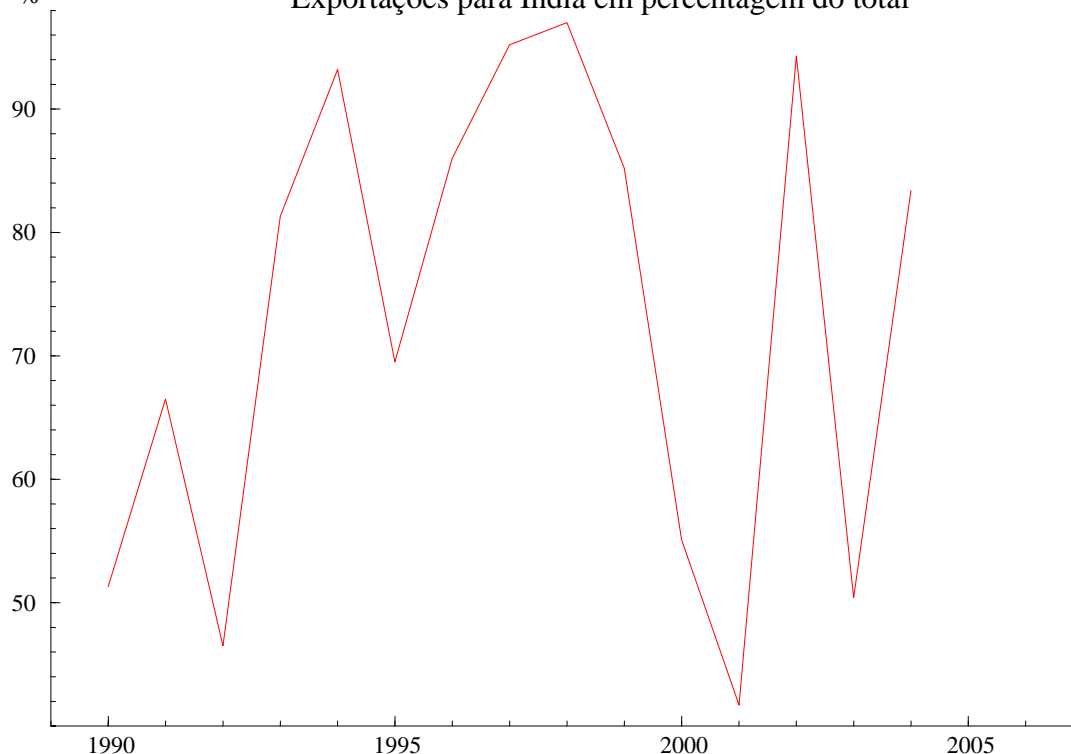
incentivar as trocas comerciais com a zona CFA, cujo resultado hoje se constata com o Senegal, basta verificarmos as origens das importações:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 7: Fonte – Banco de Portugal e cálculos do autor



Enquanto as importações provenientes da União ganham peso anualmente, as exportações da Guiné são quase totalmente fora dessa mesma União. Por outro lado, diga-se também que é maioritariamente fora da União Europeia com a qual existem acordos privilegiados sobretudo nas relações cambiais (fixas) entre o Euro e CFA. Contudo, há indícios que permitem observar um crescimento mais acelerado de abertura ao exterior do que o crescimento global da economia. Quais são os destinos das exportações da Guiné-Bissau?

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 8: Fonte – Banco de Portugal e cálculos do autor
Exportações para Índia em percentagem do total



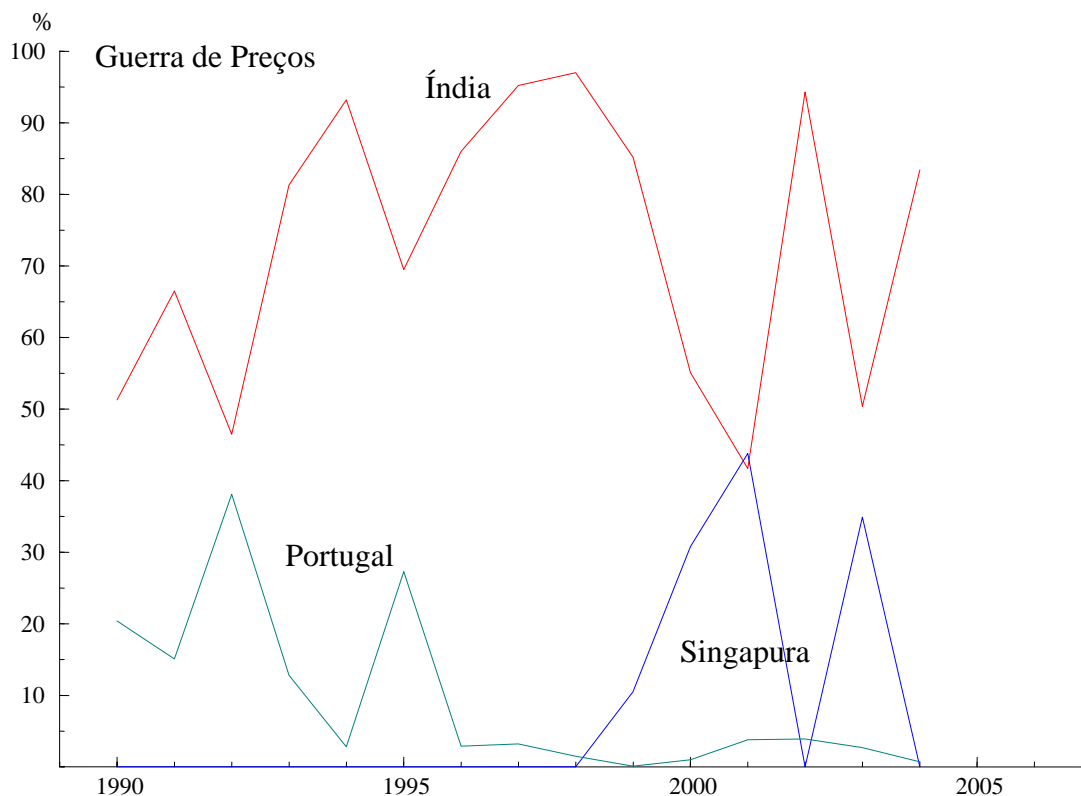
A Índia é o maior parceiro comercial nesta matéria, atingindo níveis acima de 90% em 1994, 1997, 1998 e 2002.

São patentes também, quebras nas exportações para este país, algumas muito acentuadas como aquelas registadas nos anos de 1992 e 2001, ambas abaixo de 50%. No ano de 2003, 50% do total exportado é dirigido para Índia.

A que se deve essas quebras nas exportações para a Índia?

A comparação das exportações dos três principais países de destino nas trocas comerciais com a Guiné-Bissau permite verificar a disputa entre eles que designei de **“guerra de preços”**.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 9: Fonte – Banco de Portugal e cálculos do autor



Com este gráfico verificamos uma relação simétrica perfeita dividida em dois períodos:

- Índia – Portugal: 1990 – 1996
- Índia – Singapura: 1998 – 2004

Pode-se observar que entre 1990 e 1996 uma diminuição nas percentagens das exportações para Portugal, corresponde exactamente aos aumentos das percentagens da Índia e vice-versa. O fenómeno repete-se entre a Índia e Singapura entre 1998 e 2004, provavelmente este último ainda não terminou e só o tempo o dirá.

Estou agora em condições de anunciar que esta guerra de preços, que ainda hoje julgo que não terminou, tem como principal produto de exportação **a castanha de caju in natura**.

A interpretação económica imediata que esta guerra sugere, quer no primeiro caso quer no segundo, é o aumento da intensidade da procura externa da castanha de caju da Guiné nos anos noventa. Os entendidos no assunto defendem que a qualidade das castanhas da África Ocidental tem uma particularidade diferente. O solo desta região cria gosto e textura de qualidade superior. Essa qualidade ajuda a determinar o seu preço.

Uma outra leitura que esta guerra de preços nos fornece, é:

- A elasticidade da procura/preço da exportação de castanha de caju é nula

O que significa que a Guiné não consegue, em termos de produção de castanha de caju, responder à procura que lhe é dirigida do exterior, quando esta ultrapasse a sua colheita anual, mesmo quando o preço aumente. Por outro lado, mesmo que o sector cajueiro arraste mais gente, a castanha é colhida anos mais tarde.

Entre 1975 e 2004 a exportação média anual foi de 26515 toneladas num total acumulado de 742424 toneladas registadas. O mínimo verificado foi de 400 toneladas em 1979 e o máximo de 80854 toneladas exportadas no ano de 2004.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 10: Fonte – FAO e cálculos do autor



Com o gráfico que acabamos de ver, chega-se à conclusão que as exportações não são estáveis ao longo do tempo apesar de haver uma tendência crescente. Para o efeito, estimei um modelo explicativo que se ajusta às observações da base de dados da FAO.

Neste modelo duas variáveis fundamentais revelam ser de extrema importância para a exportação da castanha de caju ao longo do período em análise (1975 – 2004):

- Preço por cada Tonelada da castanha exportada
- O valor da taxa de câmbio

A primeira variável é fortemente influenciada pelas políticas governamentais e preços especulativos junto dos produtores que por sua vez têm reflexos no preço da tonelada a exportar.

A segunda variável, a taxa de câmbio, está fora de algum controle institucional do país e, portanto, nem sequer podemos falar em política cambial.

Uma vez pertencente à União Monetária Oeste Africana, cabe ao Banco Central desta Organização essa política. Mesmo aqui surgem alguns constrangimentos na implementação duma política cambial, bastando verificar que a moeda desta União tem uma paridade fixa com o Euro, controlada pelo Banco Central Europeu.

E deste modo uma oscilação do Euro face a outras moedas arrasta o CFA consigo. É isso, o CFA vai a reboque do Euro.

Esta variável não teria importância se as exportações da castanha de caju fossem direccionadas para a EU, pelo contrário e como vimos atrás, é maioritariamente fora dela, em alguns casos mais de 97% do total exportados.

O modelo explicativo:

$$TonExp_t = \beta_0 + \delta t + \beta_1 PrTon_{USD_t} + \beta_2 txCamb_t + v_t \quad (1)$$

- $TonExp_t$ - Quantidade exportadas, em Toneladas
- $PrTon_{USD_t}$ - Preço por Tonelada, expressos em dólares americanos
- $txCamb_t$ - Taxa de câmbio nominal, USD em relação à CFA
- t - 1, 2, 3, ..., 28 (Período – ano)
- v - erro

A equação estimada é:

$$TonExp_t = 46555,44 + 2287,84t - 36,39 PrTon_{USD_t} + 39,75 txCamb_t + v_t \quad (1.1)$$

Esta expressão permite fazer uma primeira leitura sobre o comportamento da exportação da castanha de caju, a curto prazo:

- Mantendo inalterado o PreçoTon e TxCamb, as exportações aumentam anualmente de 2287,84 Toneladas, em média

- Se a taxa de câmbio não sofrer alteração e aumentar de 1 dólar o preço de cada tonelada exportada, as exportações naquele ano diminuem em média de 36,39 toneladas
- Se a taxa de câmbio aumentar de 1 unidade monetária (Pesos ou franco CFA), mantendo fixo o PrTonUSD, é de se esperar que a exportação nesse ano aumente em média de 39,75 Toneladas.

Aprofundando um pouco a leitura da equação 1.1 há que realçar em **primeiro lugar**:

As exportações crescem ao longo do tempo, por razões essencialmente não relacionadas com o PrTon das exportações e nem com a taxa de câmbio.

Esse crescimento anual pode estar relacionado com o aumento anual de áreas plantadas de cajueiro ou outros factores não observados. Portanto, a inclusão da tendência permitiu captar esse efeito e analisar de forma mais precisa as outras duas variáveis. É uma forma de remover tendências nas séries, caso elas existam.

Em segundo:

Vimos também que o preço relevante para os exportadores é negativamente correlacionado com a quantidade a exportar. Se o preço aumentar implica a diminuição da quantidade exportada, no mesmo ano.

Esta é a única variável neste modelo susceptível de ser influenciado pela decisão administrativa, especulação ou através dum ajustamento monitorizado e eficiente como veremos mais adiante. Por metodologia, não fiz a conversão desta variável em franco CFA, para melhor medir o seu impacto e da taxa de câmbio de forma independente.

Em terceiro:

A taxa de câmbio é a que mais tem impacto na quantidade a exportar, uma vez que não é possível manipular o tempo. É um instrumento de competitividade como já se referiu no princípio deste documento. A relação positiva que a equação estimada forneceu é prova disso mesmo.

O aumento da taxa de câmbio traduz-se em aumento da quantidade da moeda nacional que é preciso trocar por 1 dólar. Se assim acontecer, 1 dólar terá maior capacidade aquisitiva de bens nacionais do que na situação inicial. E desta forma as exportações de bens nacionais aumentam. Também já fiz referência às razões da impossibilidade do uso desse instrumento.

Por outro, se a taxa de câmbio diminuir, o efeito sobre os bens nacionais é contrário, i.e., os bens de exportação ficam mais caros, pois a quantidade da moeda nacional que é preciso trocar por 1 dólar diminui.

Para a economia Guineense e todos os países que compõem a UEMOA, a política cambial é algo que não está sob a sua alçada, mas sim do Banco Central Europeu ou Americano, quando estes resolvem valorizar ou desvalorizar as suas moedas.

PREVISÃO

Outra forma de remoção de tendência nas séries temporais é a utilização das primeiras diferenças como se segue, já com o modelo estimado.

$$\Delta TonExpot_t = \beta_0 + \beta_1 \Delta PrTon_{USD_t} + \beta_2 \Delta TxCamb_t + u_t \quad (2)$$

$$\Delta TonExpot_t = 266,58 - 33 \Delta PrTon_{USD_t} + 52,43 \Delta TxCamb_t + u_t \quad (2.1)$$

Esta regressão dá-nos imediatamente as variações de toneladas exportadas por cada variação unitária de preço por tonelada e por cada variação unitária da taxa

de câmbio. É de notar também que esta regressão não inclui o termo tendência como vimos na (1).

As exportações diminuem, em média de 33 toneladas se, de um ano para outro, o preço de cada tonelada exportada aumentar de um dólar. Se a variação for de 100 dólares por tonelada é de esperar que as exportações diminuam em 3300 toneladas.

De maneira contrária, as exportações aumentam de 52,43 toneladas por um acréscimo unitário da taxa de câmbio. Assim, um aumento de taxa câmbio, i.e. uma desvalorização do franco CFA face ao dólar americano permite acelerar as exportações. Se essa desvalorização for um acréscimo de 100 francos CFA, então as exportações da castanha aumentarão de 5243 toneladas face ao ano anterior.

Do ano 2000 a 2004, a FAO registou as toneladas exportadas e preço por tonelada:

	TONEXPOT	PRTONUSD	TXCAMB
2000	73210.00000	669.00000	711.97626
2001	78597.00000	598.00000	728.17999
2002	72866.00000	600.00000	695.85999
2003	71694.00000	641.00000	579.28003
2004	80854.00000	762.00000	527.5300

Supondo estar-se no ano de 2000 e que as exportações registadas nesse ano foram de 73210 toneladas ao preço de 669 por cada tonelada e com a taxa de câmbio de então, de 711.976 por cada dólar.

No ano seguinte (2001) o preço indicativo por tonelada fixado foi de 598 dólares, portanto com uma redução de 71 dólares comparativamente ao ano 2000.

Quanto à taxa de câmbio e de forma análoga, a variação entre 2000 e 2001 é de 16.20. Então pretende-se estimar a exportação média da castanha para 2001.

Substituindo as variações na regressão (2), obtemos o valor de 5862.

Isto indica que para o ano 2001 haverá um acréscimo de 5862 toneladas nas exportações, face ao ano 2000. Se adicionarmos esse acréscimo à quantidade do ano anterior (2000), obteremos 79072 como valor médio previsto em toneladas, a exportar para o ano 2001 e o valor efectivamente registado foi de 78597 conforme o quadro. Valor muito próximo da previsão estimada.

Qual seria o valor para 2005 considerando as exportações de 2004?

Recorda-se que 2005 foi o ano em que se divulgou a maior quantidade exportada (106 mil toneladas) da história do caju da Guiné-Bissau muito embora não possuir dados oficiais que o sustentem, vale a pena verificar este número tendo em conta as estimativas de 2004 (80854 FAO).

Sabe-se que em 2005 o preço tonelada caiu de 112 dólares em comparação com 2004 (de 762 para 650). A taxa de câmbio sofreu um acréscimo de 3.64 CFA (de 527.53 para 531.17). Com estas variações, 2005 teria um registo de 87410 e não 106000 toneladas.

Todavia se levarmos em conta que a quantidade exportada em 2004 se situava em 93200 e não em 80854, com o preço tonelada inalterado (650 dólares) e uma queda da taxa de câmbio de 51.75, então teremos, em 2005, 96060 toneladas exportadas em média.

O intervalo de confiança a 95% da previsão é de (-26.09963;13173.02537).

Para que o valor de 106000 seja atingível, implica que haja uma variação máxima das exportações (13173.02537) entre 2004 – 2005 com o preço tonelada fixado em 650 dólares e uma variação da taxa de câmbio de 51.75. É de notar que $93200 + 13173.02537 = 106373.02537$ e só desta forma é justificável o nível de exportação de 2005.

Com esta análise levanta-se uma dúvida quanto ao nível atingido em 2005. O quadro 1 que se segue mostra uma simulação para um nível de exportação em

2004 de 93200 toneladas, variações de preços tonelada e taxas de câmbio diferentes nos anos de 2004 – 2005. O quadro 2 mostra uma simulação para preço tonelada fixo nos dois anos (650) e com as taxas de câmbio diferentes.

Quadro SEQ Quadro * ARABIC 1

VarTonExp = 2669,58 - 33VarPrTon + 52,43VarTxCamb							
ANO	ExpObs	PrTonObs	TxCambObs	VaPrTonObs	VaTxCambObs	VarTonExp	ExpPrev
2000	73210	669	711,98				
2001	78597	598	728,18	-71	16,20	5862	79072
2002	72866	600	695,86	2	-32,32	909	79506
2003	71694	641	579,28	41	-116,58	-4796	68070
2004	93200	762	527,53	121	-51,75	-4037	67657
2005	106200	650	531,17	-112	3,64	6556	99756
2006	62000	750	521,19	100	-9,98	-1154	105046
2007	90000	700	485,32	-50	-35,87	2439	64439

Quadro 2

VarTonExp = 2669,58 - 33VarPrTon + 52,43VarTxCamb							
ANO	ExpObs	PrTonObs	TxCambObs	VaPrTonObs	VaTxCambObs	VarTonExp	ExpPrev
2000	73210	669	711,98				
2001	78597	598	728,18	-71,00	16,20	5862	79072
2002	72866	600	695,86	2,00	-32,32	909	79506
2003	71694	641	579,28	41,00	-116,58	-4796	68070
2004	93200	650	527,53	121,00	-51,75	-4037	67657
2005	106200	650	531,17	0,00	3,64	13173	106373
2006	62000	750	521,19	100,00	-9,98	-1154	105046
2007	90000	700	485,32	-50,00	-35,87	2439	64439

ExpObs: Exportação efectivamente observada

PrTonObs: Preço tonelada efectivamente observado

TxCambObs: Taxa de câmbio efectivamente observada

VarPrTonObs: Variação do Preço tonelada efectivamente observada

VarTxCambObs: Variação da Taxa de câmbio efectivamente observada

VarTonExp: Variação média esperada da quantidade a exportar em toneladas considerando a regressão inscrita na parte superior do quadro.

ExpPrev: Exportação em tonelada prevista.

Nota: O valor 13173 do quadro 2 não é valor médio da VarTonExp. É o valor máximo do intervalo de confiança da variação

Acreditando que as exportações em 2004 atingiram 93200 toneladas (quadro 2), o incremento da taxa de câmbio contribuiu em boa medida para o nível de 106200 dado que o preço tonelada não se alterou.

Outro factor muito importante que poderá contribuir para a maximização das exportações em 2005 é a boa campanha baseada num preço aliciente para os

exportadores de caju, que permitiu um escoamento total de toda a produção daquele ano sem fugas para países vizinhos, como muito se tem falado.

Chamo a atenção também para o facto de em 2006 a previsão ter sido de uma redução média de 1154 toneladas face ao ano anterior (ver quadro 2), ou seja, a exportação prevista da castanha de caju era de 105046 toneladas, mas o que se viu foi um desastre completo. O preço aumentou de 100 dólares relativamente ao ano 2005, o que representa só por si uma redução média de 3300 toneladas. A taxa de câmbio em 2005 também caiu quase de 10 francos CFA. Este duplo efeito produziu uma redução total média de 1154.

Outro efeito não observado é:

Fixar o preço exportação em 750 dólares numa altura em que o Euro e CFA se valorizavam face ao dólar não foi uma boa ideia.

Não há dúvidas que, se os exportadores tivessem uma reacção favorável relativamente ao preço fixado e ao câmbio, a exportação atingiria o valor médio de 105046 toneladas.

Poderá estar na origem do erro cometido pelos governantes em 2006, acabando por gerar um preço especulativo cujo resultado deve servir de lição para todos os intervenientes deste mercado

Isto significa que há um preço eficiente para cada taxa de câmbio em vigor na época das campanhas. A falta de uma política de preço adequado e de monitorização das taxas de câmbio marcou de forma negativa a evolução das exportações da castanha em vários períodos. Convém voltar mais uma vez ao gráfico 1:



Já vimos a existência de uma tendência (crescente) na evolução anual das exportações e obviamente na sua produção também.

É de notar que as exportações aumentam num ano e que no outro há uma diminuição e assim sucessivamente. Porquê?

Os aumentos dos preços nos anos subsequentes a um crescimento das exportações estão na origem destas flutuações. Em vários anos constatou-se também aumentos nos níveis de preços tonelada enquanto as taxas de câmbio caíam, o que agravava mais a situação. Portanto estamos perante uma série que reage a choques dos anos anteriores. Demonstra-se a seguir as variações de preço tonelada e taxa de câmbio desde 1986 com repercussões, anos mais tarde, nas exportações da castanha de caju.

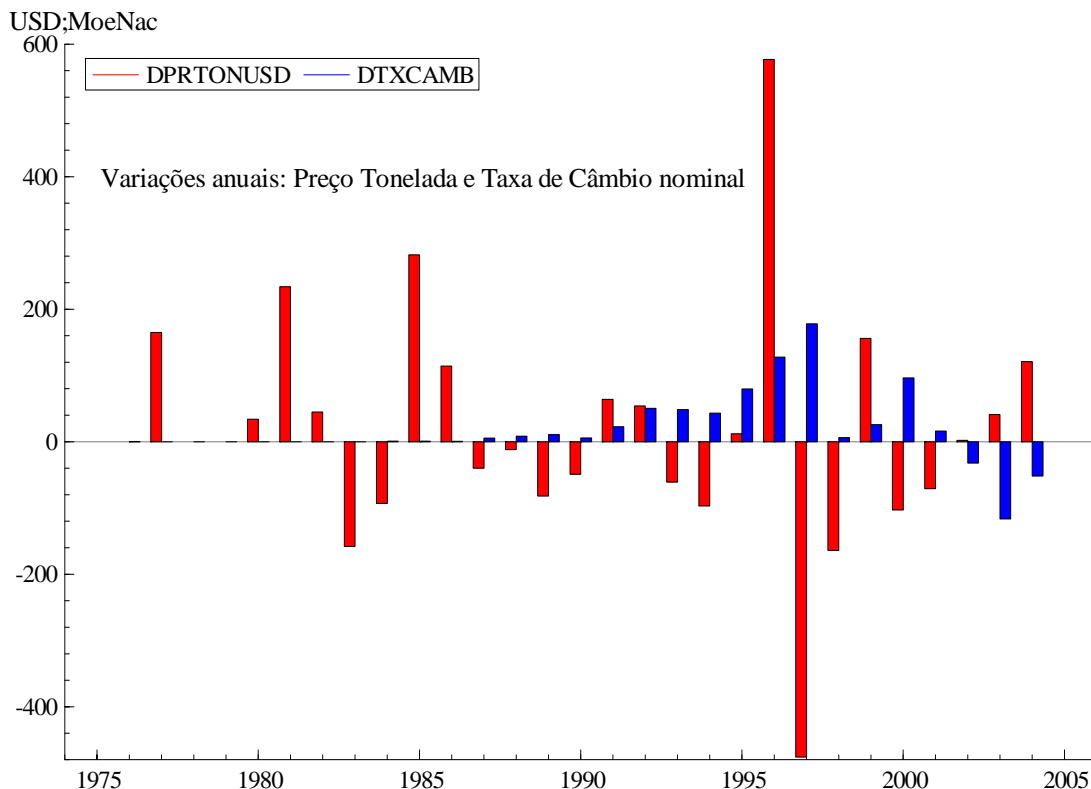
	VarTONEXPOT	VarPRTONUSD	VarTXCAMB
1986	-697.00000	114.00000	0.68249
1987	4545.00000	-40.00000	5.46738
1988	30.00000	-12.00000	8.47228
1989	-1086.00000	-82.00000	10.77597

1990	6995.00000	-49.00000	5.77402
1991	1841.00000	64.00000	22.66385
1992	-14600.00000	54.00000	50.38932
1993	13340.00000	-61.00000	48.43063
1994	29470.00000	-97.00000	43.23444
1995	-17180.00000	12.00000	79.69846
1996	-16280.00000	577.00000	127.70590
1997	45080.00000	-476.00000	177.92438
1998	-19280.00000	-164.00000	6.28241
1999	25250.00000	156.00000	25.74738
2000	9160.00000	-103.00000	96.27710
2001	5387.00000	-71.00000	16.20374
2002	-5731.00000	2.00000	-32.32001
2003	-1172.00000	41.00000	-116.57996
2004	9160.00000	121.00000	-51.75000

- Entre 1986 – 1987 o preço por tonelada caiu de 40 pesos e a taxa de câmbio aumentou de 5.46738 pesos, o que permitiu uma boa campanha em 1987, resultando em acréscimo de 4545 toneladas comparativamente ao ano 1986 (ver situação semelhante)
- Se, num determinado ano, os preços aumentarem significativamente, caso de 1986 e 1996, verifica-se reduções, ano após ano, até à reposição ideal do preço muito embora em certos casos, haja o efeito da taxa de câmbio, i.e. em ascensão ou em queda. Podendo ocorrer situação de aumento do preço compensado de forte subida da taxa de cambio ou vice-versa (1989, 1999).
- Em 1998, devido ao conflito militar a que o país foi submetido, perdeu-se 19280 toneladas por exportar apesar de forte queda de preço

No gráfico 10 podemos ver as combinações que marcaram crescimentos e retrocessos nas exportações da castanha de caju.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 11: Fonte – FAO Banco Mundial e cálculos do autor



Nunca se observou uma subida de preço tão alta como a de 1996 (577 pesos face ao ano de 1995). Na véspera do ano da adesão à moeda única, convinha fazer um ajustamento monetário. Consequência?

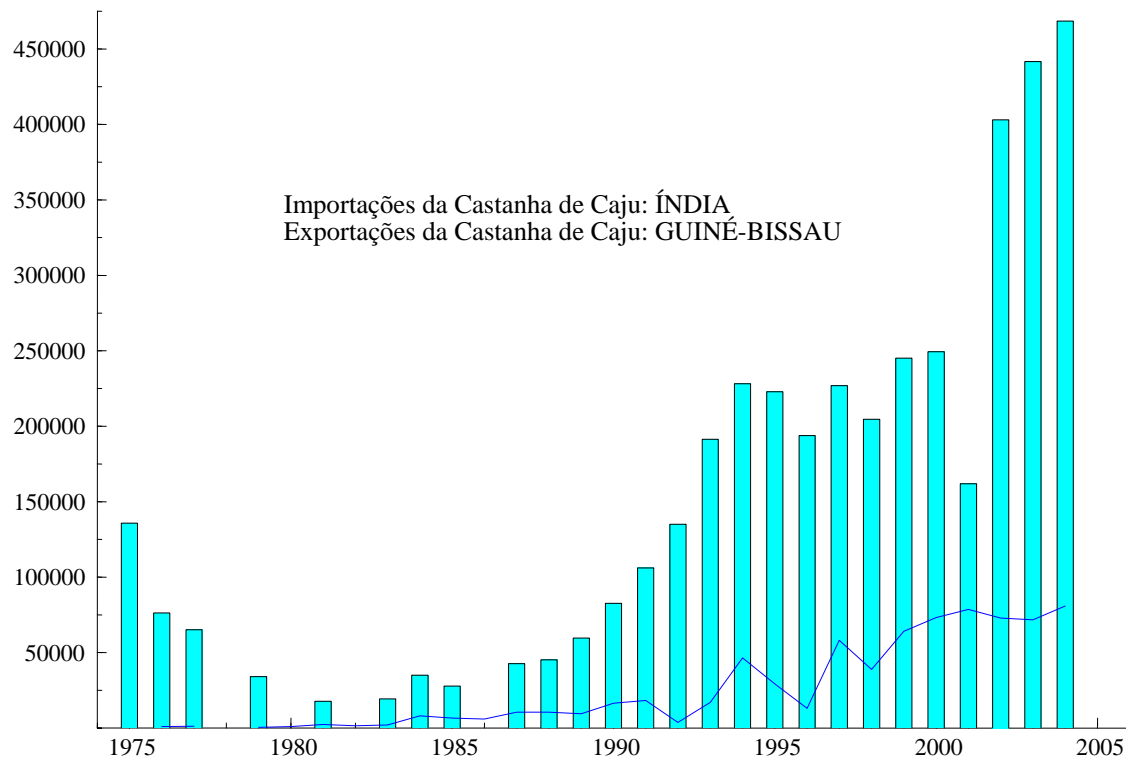
16280 Toneladas da castanha de caju não foram exportadas em 1996. No ano seguinte, já em pleno uso da moeda, detectou-se o falhanço na fixação do preço de 1996 e mandou-se abater o preço novamente (476 francos CFA). Com isto a exportação retomou o seu curso.

Nos períodos onde se registam variações opostas entre a taxa de câmbio e preço tonelada há aumento ou diminuição nas exportações (por exemplo, ano 1997 e 2003). Os efeitos dos aumentos ou diminuições simultâneos dependem da intensidade da variação da taxa de câmbio.

O impacto destas medidas fez-se sentir nas importações da Índia, dado ser o país que absorve quase na totalidade as exportações da Guiné-Bissau. O gráfico 11 que se segue evidencia a guerra de preços e uma desastrosa política comercial

nas exportações da castanha de caju. Este gráfico faz uma comparação temporal das exportações (gráf. linha) da castanha de caju da Guiné-Bissau e importações (gráf. barras) do mesmo produto feitas pela Índia. Deixo ao cuidado do leitor tirar outras conclusões que me escaparam ou por ora, não serem relevantes abordar.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 12: Fonte – FAO e cálculos do autor



Uma forma precisa para explicar as influências das variações dos preços tonelada nas exportações anuais, mantendo as taxas de câmbio inalterados é:

$$\Delta TonExpot_t = \beta_0 + \delta_1 \Delta Pr Ton_{USDt} + \delta_2 \Delta Pr Ton_{USDt-1} + \delta_3 \Delta Pr Ton_{USDt-2} + U_t \quad (3)$$

- $\Delta TonExpot_t$ - Variação de toneladas exportadas no período t (ano em curso)
- $\Delta Pr Ton_{USDt}$ - Variação de preço por tonelada exportada no período t
- $\Delta Pr Ton_{USDt-1}$ - Variação de preço por tonelada exportada 1 período anterior

- $\Delta PrTon_{USDt-2}$ - Variação de preço por tonelada exportada 2 períodos anteriores

$$\Delta TonExpot_t = 3676,86 - 49,24\Delta PrTon_{USDt} + 16,66\Delta PrTon_{USDt-1} - 35,28\Delta PrTon_{USDt-2} + V_t \quad (3.1)$$

- Se num ano em curso os preços variarem em 1 dólar, face ao ano anterior, mantendo todo o resto constante, é de esperar que as exportações neste ano diminuam em média de 49,24 toneladas. É de esperar também que diminuindo o preço de 1 dólar as exportações aumentem de 49,24 toneladas
- Se num ano, anterior ao ano em curso, o preço aumentar de 1 dólar face ao ano que o antecede (variação entre um e dois períodos que antecedem o período em curso), mantendo fixas todas as restantes variáveis, haverá em média um aumento de 16,66 toneladas nas exportações. Equivale dizer, o aumento de preço num determinado ano, fará aumentar as exportações um ano mais tarde. Ocorre quando os preços caem dois anos consecutivos que antecedem o ano em curso. Uma diminuição fará diminuir as exportações nas mesmas proporções.
- De forma idêntica à leitura anterior, num determinado ano, o aumento de 1 dólar no preço, (entre 2 e 3 anos antecedentes), terá repercussão, dois anos mais tarde, nas exportações com uma redução média de 35,28 toneladas.

Ficam assim demonstrados os factores que causam obstáculos ao crescimento das exportações da castanha e conseqüentemente o próprio crescimento económico da Guiné-Bissau. No caso particular do caju, políticas mais adequadas poderiam ter sido implementadas visando maior competitividade internacional. Políticas eficazes de preço que permitam ao país, em cada campanha, exportar o máximo da sua produção. A fixação do preço indicativo anual, sempre deve ter em conta

a taxa de câmbio em vigor pois as transacções junto dos produtores são feitas em moeda local, o que por sua vez tem repercussão junto dos exportadores.

Qual é o preço eficiente para cada época da campanha da castanha de caju?

Vale mais uma vez lembrar as dificuldades mencionadas no início deste documento no que respeita aos dados estatísticos.

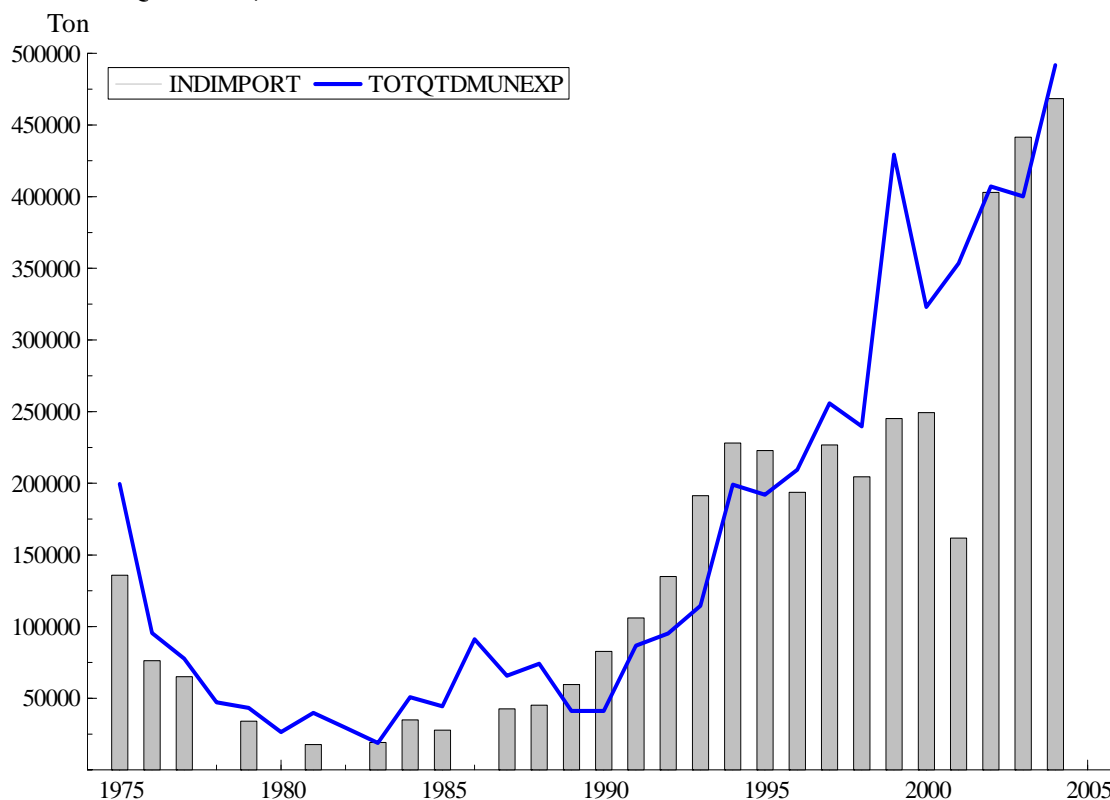
Pelas mesmas razões não existem dados sobre a estrutura dos custos de produção. Talvez a Comissão Nacional do Caju, em Bissau, algum dia divulgue através de um portal electrónico dados sobre o caju da Guiné-Bissau. A existência duma Comissão Nacional para este sector em especial, tem subjacente, entre outras funções no âmbito da sua missão, a produção de dados estatísticos.

Enquanto isto não acontecer, recorre-se a agências de organizações internacionais, parceiros da cooperação, algumas sedeadas em Bissau com estreitas ligações com as instituições públicas de Bissau para as quais não devem faltar o comprometimento.

Voltando à questão do preço, já vimos que a Guiné não tem capacidade, em termos económicos, para influenciar o preço da castanha, pelo contrário, ele reage à conjuntura internacional, particularmente aos preços das importações da Índia.

As importações da castanha de caju ao longo destes anos quase se confundem com as exportações do resto do mundo como é mostrado no seguinte gráfico.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 13: Fonte – FAO e cálculos do autor

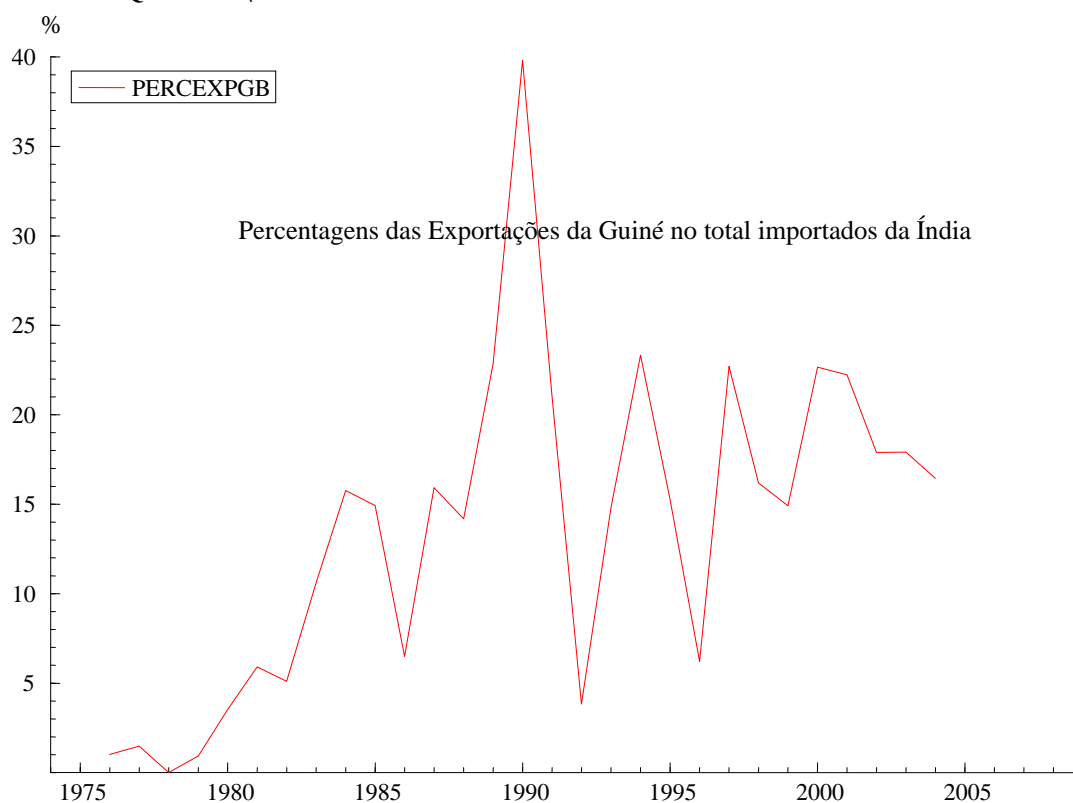


É de ter em conta também que a Índia já começou a privilegiar outras fontes de importação da castanha de caju para a sua indústria transformadora e são vinte os países que exportam este produto desde 1993, aumentando deste modo a sua oferta mundial, contra nove países em 1976.

No gráfico 11 pode-se notar que nos últimos três anos, este país aumenta de forma significativa as importações da castanha, enquanto a percentagem das exportações da Guiné no conjunto do total importado pela Índia (gráfico 12) diminui. Muitos países, novos exportadores, podem ter melhorado as suas produções, portanto, tornando-se mais competitivos comparados com a Guiné-Bissau

Isto pode acarretar graves problemas, caso essa tendência permaneça, porque a Índia é o seu maior parceiro nesta matéria. A importância das exportações da Guiné-Bissau para a Índia é demonstrada como se segue:

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 14: Fonte – FAO e cálculos do autor



Em 1990 cerca de 40% da castanha que a Índia importou era proveniente da Guiné-Bissau. Em 2004 esta percentagem caiu para 16%. Para aquilo que hoje assistimos, seguramente esta queda continua.

Será o princípio do fim?

A verdade é que o nível das exportações e das receitas de 2005 ainda não foi repostos, o que contrasta com a quase duplicação das importações da Índia, vista no gráfico 11. São evidências claras de que a Índia está a abandonar o mercado guineense de caju. Nesse mesmo gráfico, pode-se notar que as exportações guineenses não acompanharam de forma significativa as subidas bruscas das importações. Nos últimos dois anos a Guiné-Bissau ficou por exportar milhares de toneladas do seu principal bem de exportação.

DETERMINAÇÃO DO PREÇO

Em matéria de preços é a Índia que manda, atendendo às ofertas doutros países. Temos que centrar a nossa análise de preço somente em função das flutuações dos preços que a Índia está disposta a pagar por cada tonelada da castanha de caju importado, independentemente dos custos de transportes, tarifas alfandegárias, seguros etc.

Entre 1975 e 2004 a elasticidade de preço tonelada das exportações da Guiné em relação ao preço tonelada das importações da Índia mostra o seguinte:

$$\ln Pr_{GBt} = \beta_0 + \beta_1 \ln Pr_{INDt} + \mu \quad (4)$$

$$\ln Pr_{GBt} = 3,38 + 0,468 \ln Pr_{INDt} + U \quad (4.1)$$

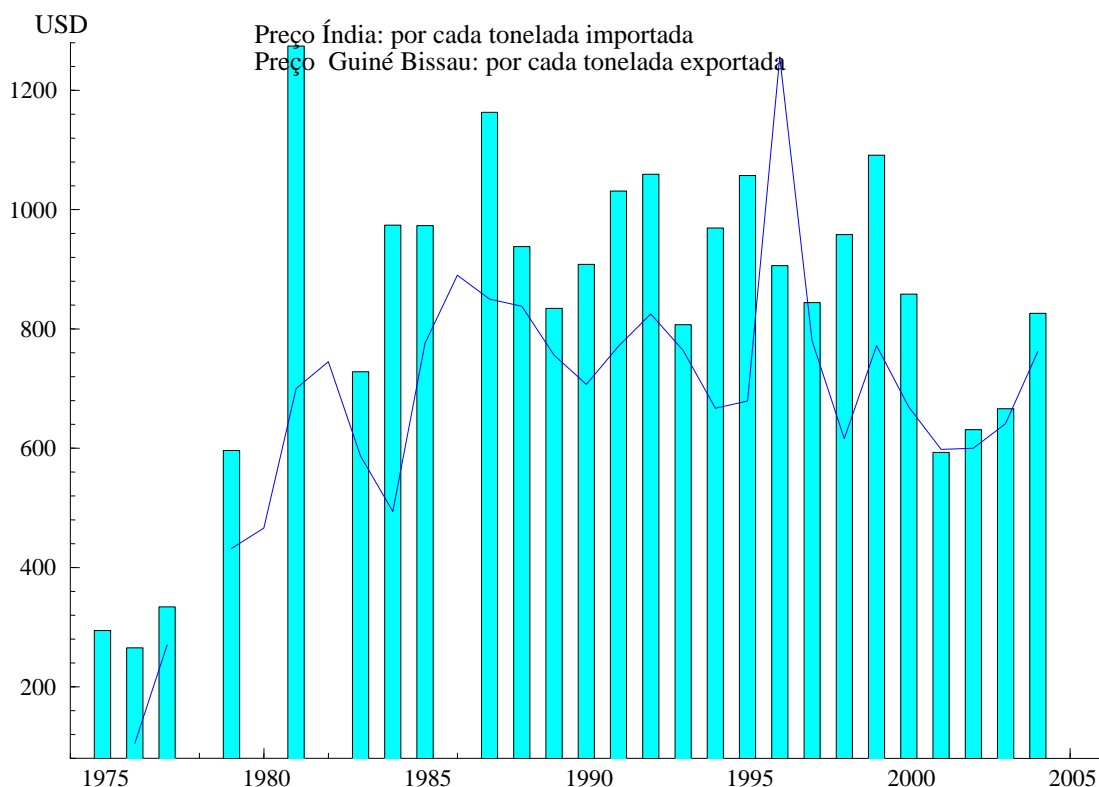
$\ln Pr_{GB}$ - Logaritmo de Preço por tonelada exportada da Guiné-Bissau

$\ln Pr_{INDt}$ - Logaritmo de Preço por tonelada importada da Índia

- Em média, o preço por cada tonelada exportada da Guiné aumenta de 0,47%, quando na Índia o preço por cada tonelada importada aumentar de 1%

Esta é a chave para a determinação do preço indicativo por cada tonelada, em dólares americanos. Deve-se monitorizar com eficácia as flutuações dos preços que a Índia está disposta a pagar por cada tonelada a importar de castanha de caju.

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 15: Fonte – FAO e cálculos do autor



Mais uma vez algo chama a atenção neste gráfico. É o facto de, em 1996, como já referido nos parágrafos anteriores, o preço tonelada exportação na Guiné ter sido superior ao preço que a Índia estava disposta a pagar por cada tonelada da castanha importada e vimos o que aconteceu (ver gráficos 1 e 10 para o ano 1996).

Cumprе chamar a atenção para o facto de que quando há subidas de preços na Índia, invariavelmente a Guiné só ajusta o preço um ano mais tarde a essa subida (ver 1984, 1990, 1994 e 1998). Indícios claros de falta de monitorização das oscilações do preço internacional

Como se deve fazer o ajustamento do preço?

O que sabemos é: no curto prazo, se o preço aumentar de 1% na Índia, espera-se que o preço na Guiné aumente, em média, de 0,47%.

Uma simulação para efeito mostra-nos os ajustamentos de preços médios da Guiné às variações percentuais dos preços das importações da Índia:

Quadro 3

$\text{LNPrGB} = 3,38 + 0,468\text{LNPrIND}$					
ANO	PrIND	txVarPrIND	txVarPrGB	PrGB	PrGBobs
2000	858			669	669
2001	593	-0,31	-0,14	572	598
2002	631	0,06	0,03	589	600
2003	666	0,06	0,03	605	641
2004	826	0,24	0,11	673	762

- PrIND – Preço tonelada da importação Indiana efectivamente observado
- PrGBobs – Preço tonelada da exportação da Guiné-Bissau efectivamente observado
- PrGB – Preço tonelada da exportação da Guiné-Bissau esperado
- txVar – taxas de variação

No ano de 2001, os importadores Indianos pagavam 593 dólares por cada tonelada de castanha contra 858 dólares no ano de 2000.

A alteração registada permite concluir que entre 2000 e 2001 o preço Indiano caiu de 31%.

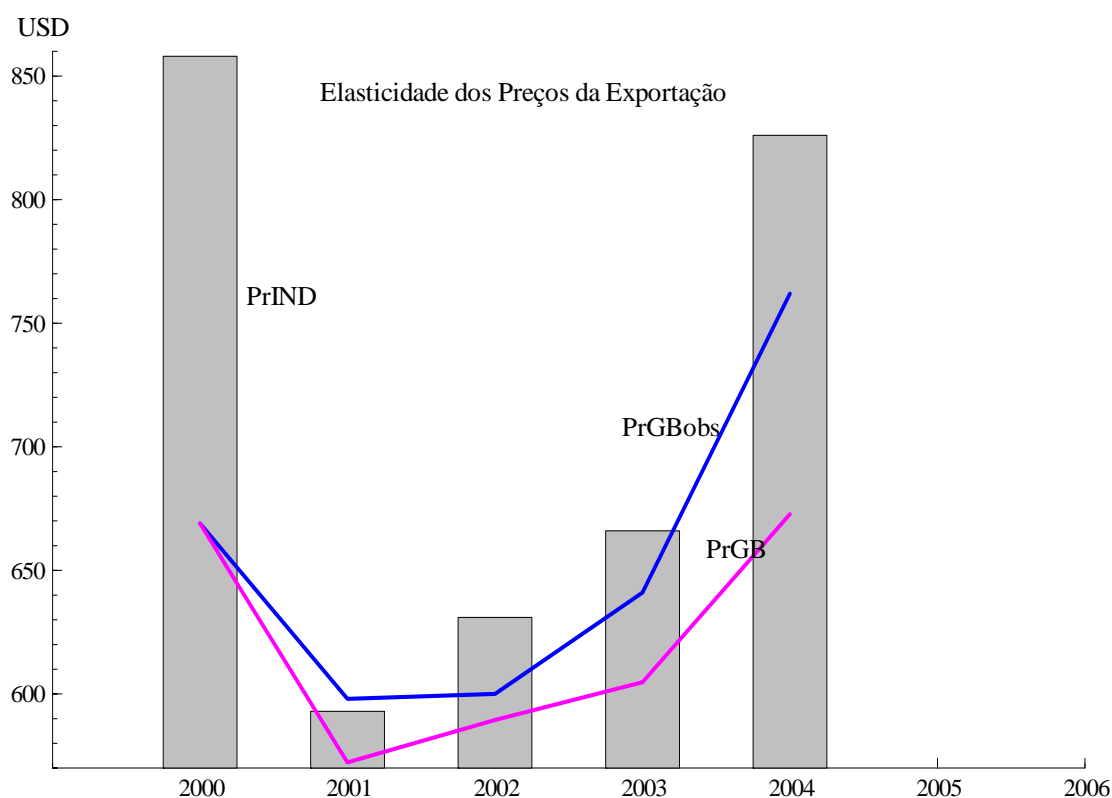
Pela elasticidade dos preços, era esperada uma redução de 14% do preço tonelada da exportação da Guiné no ano de 2001. Isto significa que o preço médio indicativo para os exportadores da Guiné seria de 572 dólares, uma vez que no ano anterior o preço situava-se em 669 dólares. Mas a Guiné fixou o preço em 598 dólares.

Em 2004 o crescimento do preço Indiano foi de 24% o que daria um crescimento de 11% do preço Guineense ou melhor o preço esperado seria de 673 dólares por tonelada e não 762 dólares.

É importante referir que partimos do ano de 2000 admitindo que os preços nos dois países permitiam trocas comerciais. Daí que o valor das elasticidades dos anos seguintes dependam do ano base, nesse caso, do ano de 2000.

Até porque não há dificuldade nenhuma em verificar que os importadores Indianos nesse ano tinham uma margem razoável que os incentivavam a importar a castanha de caju da Guiné (quadro 3 e gráfico 14)

Gráfico SEQ Gráfico * ARABIC 16: Fonte – FAO e cálculos do autor



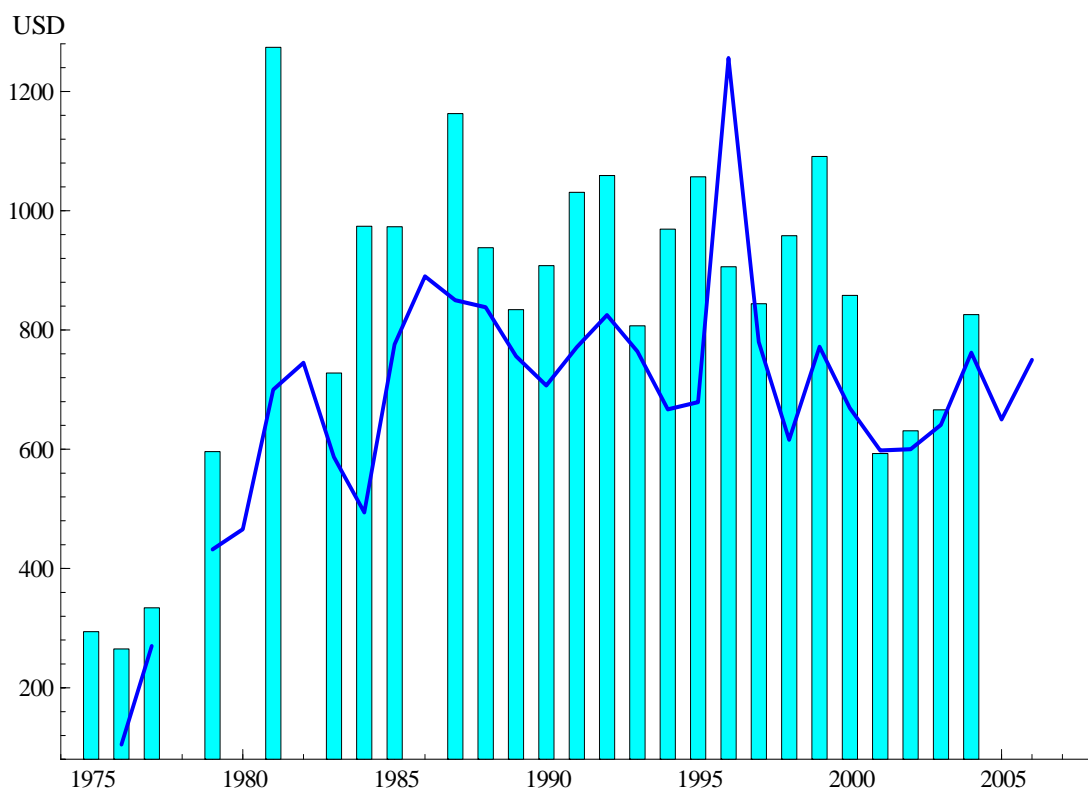
O preço Indiano caiu bruscamente em 2001 devido ao aumento da produção mundial e o preço Guineense também caiu, mas acima daquilo que os Indianos estavam dispostos a pagar por tonelada. A salvação foi Singapura (ver gráfico 8), caso contrário ficar-se-ia com muitos milhares de toneladas por exportar como já vimos acontecer em situações semelhantes. É de acreditar que foram praticados preços diferenciados para estes dois países no ano de 2001.

No entanto o preço tonelada exportação esperado para aquele ano seria de 572 para os Indianos e não 598 como vimos no quadro 3. A linha inferior do gráfico (PrGB) é a linha dos preços ajustados aos impactos de alterações dos preços da Índia.

A linha PrGB mostra os preços praticados nos últimos anos, acima da média estimada pela elasticidade provocando enormes dificuldades no escoamento da castanha.

Voltando ao gráfico 13 constata-se que nunca os preços praticados na Guiné se aproximaram tanto dos preços da Índia como aqueles praticados nos últimos anos (2000 – 2004). Quando em 2005 baixaram o preço para 650 dólares, a exportação disparou como já vimos atrás, apesar de haver uma tendência de aumento do preço na Índia, o que é favorável à exportação da castanha da Guiné. Logo a seguir, em 2006, o preço foi fixado em 750 dólares culminando num desastre total.

Não é a primeira vez que o fenómeno acontece. Veja-se entre 1989 e 1992. As subidas sucessivas dos preços da Guiné, com início em 1990, passaram despercebidas devido ao diferencial razoável entre os dois preços (Índia e Guiné) enquanto entre 2001 – 2004 os níveis dos preços eram quase equiparados.



Esta é uma das formas de determinar o preço anual por cada tonelada da castanha de caju a exportar, que por sua vez, influencia o preço da comercialização interna.

Como não se pode intervir no mercado cambial o preço indicativo deverá ser corrigido pela oscilação da taxa de câmbio nominal em vigor para cada época da campanha.

A segunda parte tem a ver com aspectos de natureza financeira relacionados com a exportação da castanha.

São factos e não opiniões que permitiram produzir este pequeno estudo e quem privilegiar a opinião no lugar de factos corre o risco de fracassar.

Por ser verdade tudo o que produzi neste estudo, anexo os dados colectados assim como as fontes que os sustentam.

Lisboa, 24 de Março de 2008

Ussumane Seidi

*Licenciado em Economia pelo ISEG

ANEXO

Quadro 1: Fonte FAO

ANO	TonManc	PrTon
1975	8249	468
1976	10000	318
1977	16335	415
1978	8395	576
1979	10506	579
1980	6770	405
1981	3710	613
1982	8001	402
1983	8303	418
1984	8157	494
1985	4265	459
1986	2235	264
1987	3300	252
1988	3900	231
1989	2015	342
1990	2225	344
1991	453	386
1992	436	436
1993	nd	nd
1994	400	375
1995	60	500
1996	420	500
1997	420	500
1998	430	512

TonManc – Mancarra (amendoim) exportada em toneladas

PrTon – Preço tonelada de exportação

Quadro SEQ Quadro * ARABIC 2: Fonte FAO

ANO	TonExport	PrTonGB	INDImport	PrTonIND
1975	nd	nd	135815	294
1976	971	105	76181	265
1977	1150	270	65076	334
1978	nd	nd	nd	nd
1979	400	432	34023	596
1980	929	466	nd	nd
1981	2349	700	17691	1274
1982	1500	745	nd	nd
1983	2000	587	19218	728
1984	8004	494	34933	974
1985	6622	776	27750	973
1986	5925	890	nd	nd
1987	10470	850	42609	1163
1988	10500	838	45150	938
1989	9414	756	59591	834
1990	16409	707	82639	908
1991	18250	771	106080	1031
1992	3650	825	134985	1059
1993	16990	764	191322	807
1994	46460	667	228109	969
1995	29280	679	222819	1057
1996	13000	1256	193722	906
1997	58080	780	226781	844
1998	38800	616	204459	958
1999	64050	772	245106	1091
2000	73210	669	249319	858
2001	78597	598	161790	593
2002	72866	600	402982	631
2003	71694	641	441500	666
2004	80854	762	468419	826

TonExport – Exportações da castanha de caju da Guiné – Bissau em toneladas métricas

PrTon – Preço Tonelada Exportação

INDImport – Índia Importações da castanha de caju em toneladas métricas

PrTonIND - Preço Tonelada Importação

Quadro SEQ Quadro * ARABIC 3: Fonte Banco Mundial

<u>ANO</u>	<u>TxCamb</u>
1975	0,39
1976	0,47
1977	0,52
1978	0,54
1979	0,52
1980	0,52
1981	0,57
1982	0,61
1983	0,65
1984	1,61
1985	2,45
1986	3,13
1987	8,60
1988	17,07
1989	27,85
1990	33,62
1991	56,29
1992	106,68
1993	155,11
1994	198,34
1995	278,04
1996	405,75
1997	583,67
1998	589,95
1999	615,70
2000	711,98
2001	728,18
2002	695,86
2003	579,28
2004	527,53

TxCamb – Taxas de Câmbio nominais

Quadro SEQ Quadro * ARABIC 4: Fonte Banco de Portugal

ANO	percExpIND	percExpSING	percExpPORT
1990	51,300	0,000	20,400
1991	66,500	0,000	15,100
1992	46,500	0,000	38,100
1993	81,300	0,000	12,800
1994	93,200	0,000	2,800
1995	69,500	0,000	27,300
1996	86,000	0,000	2,900
1997	95,200	0,000	3,200
1998	97,000	0,000	1,500
1999	85,200	10,500	0,100
2000	55,100	30,800	1,000
2001	41,700	43,800	3,800
2002	94,300	0,000	3,900
2003	50,400	34,900	2,700
2004	83,400	0,000	0,700

percExpIND – Exportação para Índia em percentagem do total

percExpSING - Exportação para Singapura em percentagem do total

percExpPORT - Exportação para Portugal em percentagem do total

^[1] FAO (Food and Agriculture Organization) – Organização da Nações Unidas para Alimentação e Agricultura



VAMOS CONTINUAR A TRABALHAR!

Projecto Guiné-Bissau: CONTRIBUTO

www.didinho.org